

ENTRE A NATUREZA E O ABANDONO

Andrews Jobim¹

Resumo

O presente texto é, além de uma resenha do artigo *Observações sobre a natureza (physis) em Heidegger* de Gabriel de Almeida Barros, uma breve reflexão sobre o estatuto ontológico dos entes em abandono, indicando do que se tratam e de modos de abordá-los para retirar dessa condição.

Palavras-chave: metafísica, esquecimento do ser, abandono, Heidegger.

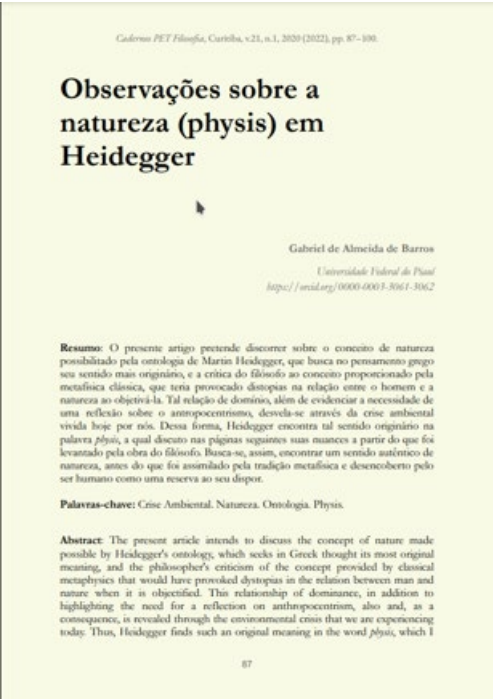


Figura 1 – Capa do artigo. Fonte: Autor, 2022

Da simples coisa ao mundo aberto

A busca por um sentido autêntico de natureza, em uma situação originária e ainda não apreendida pela tradição metafísica e a técnica é o que inspira o autor do artigo *Observações sobre a natureza (physis) em Heidegger*, publicado no volume 21, número 1, de 2022, da revista Cadernos PET Filosofia, em Curitiba (Figura 1). Nesse, Gabriel de Almeida Barros, Engenheiro Ambiental pela UFRJ e Mestre em Filosofia pela UFPI, discorre sobre o sentido de natureza possibilitado pela ontologia de Martin Heidegger, apresentando as críticas que este apresenta ao modo como a natureza passou a ser compreendida ao longo da tradição filosófica, bem como sua tentativa de resgate de um sentido não objetivista nem antropocentrista, baseado na tradição grega antiga. Com isso podem ser pensadas outras perspectivas que não venham a produzir os problemas que enfrentamos em relação a natureza contemporaneamente.

Na introdução do texto, o autor sucintamente, porém com muita clareza e precisão conceitual, pontua a perspectiva heideggeriana do inadiável destino do pensamento humano: a metafísica. Afirma, que esta faz parte da natureza humana, e que, portanto, é um acontecimento essencial desta em suas manifestações. O que não o é, no entanto, é a perspectiva que inviabiliza um acesso ao ser em detrimento do ente, pontuando a possibilidade para que o nada venha a ser pensado. Em outras palavras, o modo de pensamento contemporâneo, que esquece do ser das coisas e dedica-se apenas a manifestação objetiva destas não é necessário, causando inclusive problemas, como o esvaziamento do ser em nome do nada. Reverter esse quadro é a proposta de Heidegger, remetendo o problema para um contexto anterior ao esquecimento do ser, o período filosófico grego anterior a Platão e Aristóteles, investigando os conceitos antigos e destacando sentidos originários e potentes em termos de manifestação do ser.

A seguir, o artigo é dividido em duas partes. Na primeira o autor apresenta como a metafísica clássica se apropriou da natureza como *simples presença*, isto é, como algo definido exclusivamente pelo fato de estar presente, desconectado de um sentido mais amplo de ser. Pontua as duas explicitações apresentadas por Heidegger para criticar essa concepção, (1) justamente essa necessária presença constante de

¹ Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS. Graduado em Filosofia pela UFPel.

ser, e (2) o rompimento com essa perspectiva pela afirmação de um movimento de pensamento marcado pela emergência e retração do florescimento do ser. Justifica-se essa abordagem pela própria tradução heideggeriana do termo grego *physi* (traduzido correntemente por *natureza*), que em sua raiz guarda um sentido de autoemergência, de aumento e evolução, e que abrange não apenas os seres vivos ou do meio ambiente natural, mas todos os entes que vem a ser. Assim, para pensar a natureza, e tudo que acaba sendo incluído nesta por essa perspectiva mais ampla, é preciso pensar a partir dessa ideia de florescimento e acontecimento, que desabrocha para fora ao mesmo tempo que permanece em si mesmo.

Já na segunda parte, em que já está posta a perspectiva para pensar o ser da natureza, o autor pontua as abordagens ônticas (que se refere ao ente) e ontológica (que se refere ao ser) que podem ser feitas daquela. Destaca como a perspectiva da natureza como *simples presença* se tornou dominante na abordagem científica inspirada na tradição metafísica ocidental, que trata de *desmundanizar* os objetos de estudo, isto é, arrancá-los de suas tramas de sentido e relação, que constituem o seu ser. Como alternativa a esse cenário, seria importante operar um movimento de compreensão do objeto, o qual se apoia no não isolamento deste, nem do observador, que passa a afirmar uma mútua interação dos próprios contextos que os condicionam. Assim, há um movimento de passagem da determinação dos entes: deixa-se de defini-los a partir de critérios internos, para assumir uma definição a partir de critérios externos, conectadas ao mundo e compreensivelmente estruturadas.

Por fim, nas considerações finais, o autor sinaliza a discussão para a reflexão sobre os problemas ambientais enfrentados pela sociedade contemporânea. Faz uma retomada da problemática apreensão da natureza pela metafísica tradicional, e aponta a retomada fenomenológica heideggeriana como uma possível via de acesso a outros modos de nos relacionarmos com o mundo a nosso redor. Somente pelo movimento compreensivo de apreensão do sentido permitindo que o ente se afirme em suas relações, é que se abre a possibilidade de intervenções que respeitem o próprio florescer das coisas. Isso inclui trabalhar um olhar que não seja de dominação frente aos fenômenos observados, mas de participação e envolvimento.

Trata-se de um artigo bem escrito, sintético e ao alcance daqueles não iniciados nas discussões filosóficas profundas. Martin Heidegger é um autor conhecido pela dificuldade que marca a leitura de suas obras, com a produção de conceitos fora do pensamento tradicional, que demandam muita capacidade imaginativa e paciência em sua leitura. Contudo, Gabriel de Almeida Barros consegue nesse breve artigo apresentar com clareza os conceitos e articulá-los com o tema da relação do ser humano com a natureza, dando ares mais concretos a uma discussão abstrata e árida.

Porém fica a questão: *por que propor uma resenha desse assunto para uma edição de uma revista de Arquitetura e Urbanismo cujo tema é abandono?* Para responder a esta pergunta é preciso ter em mente o que está sendo compreendido por *abandono*, em nome da clareza conceitual. Sem pretender entrar em uma extensa exposição desse conceito, partiremos da indicação formal de que o abandono expressa o sentimento de esvaziamento de sentido de um determinado ente do mundo, que passa a ser encarado como sem utilidade ou valor, deixando de ser procurado e cuidado como tal. Ou seja, o abandono expressa uma perda de ser do ente, que se vê privado das relações que lhe fornecem sentido e passa a ser visto como um elemento residual no mundo.

O oposto do abandono é o cuidado, não apenas no sentido ôntico de preservação que esta palavra guarda, mas também no sentido ontológico que expressa. Neste, acentua-se o caráter da cura, de trabalhar para possibilitar o pleno florescimento do ente. Mais do que evitar o desgaste, nesse segundo sentido, se trata de fazer com

que algo possa autenticamente acontecer, manifestando seu ser em mais alto grau. O cuidado, portanto, em sentido heideggeriano, expressa a atenção para o mundo que dá significado ao ente, mantendo este sempre conectado e vinculado as relações que o envolvem.

Como já mencionado, abandonar seria o contrário, pois o sujeito, ou o objeto, deixa de receber a atenção e de ter percebido seu sentido, e passa a habitar o mundo pelo modo de ser da *simples presença*. Assim, poderíamos arriscar afirmar que o processo metafísico de apreensão da natureza de forma desnaturante como *simples presença* expressa uma forma de abandono desse ente. Teríamos nos desconectado da natureza e perdido as relações com seu ser mais próprio, descuidando de seu florescimento e desequilibrando sua existência. E se é possível abandonar um ente intramundano como o é a natureza, por que não seria possível falarmos no abandono de outros entes também intramundanos, como pessoas, prédios, praças ou cidades?

Tudo que é abandonado permanece no mundo de alguma maneira, uma vez que ainda poderá ser significado. Desaparecer da vista configuraria um processo de obliteração do ente, em que há uma dupla forma de esquecimento: o esquecimento do esquecimento. No entanto, nem dessa forma há uma exclusão completa do ente, pois o que passa a acontecer é um processo de velamento deste. Ou seja, o sentido de ser do ente passa a esconder-se e a ficar recolhido em um âmbito de difícil acesso. Somente com a retomada do pensamento que originou o movimento de florescimento daquele ente é que será possível acessar os meandros de sua manifestação no mundo. Sem que isso se dê, o ente abandonado pode até ser temporariamente esquecido, porém sempre correrá o risco de retornar sob a forma de um estorvo à lida cotidiana, rompendo com modos *automatizados* de habitar o mundo e exigindo uma atitude própria frente ao mundo. Por exemplo, o passeio cotidiano de um cidadão, que de tão comum passa a ser irrefletido, mas que em dado momento é confrontado com uma edificação abandonada, que lhe chama a atenção para o caminho que vinha fazendo e que a partir de então passa a ter mais cuidado em função dos riscos potenciais que poderia se deparar. Contudo, é importante frisar que não será sempre que o ente abandonado romperá com as práticas irrefletidas da vivência cotidiana, tudo dependerá do mundo como esse ente será significado no mundo. Se não chamar a atenção, poderá permanecer anos em estado de latência, até que um olhar atento perceba alguma coisa significativa, e esse ente passe a ter maior centralidade nas relações que o rodeiam.

Tudo isso se insere no processo maior de esquecimento do ser operado pela metafísica tradicional, que trata de esvaziar os entes de sentido e a interpretá-los em função da sua *presença objetiva*. Dessa forma, talvez seja justamente esse processo que opera por trás do abandono, uma dinâmica de esquecimento do ser do ente e destacamento de seu campo de sentido, que o projeta no mundo como *simples presença* lançada à existência. Enquanto no caso da ciência baseada na tradição metafísica esse movimento é feito de forma intencional, pela objetificação, no caso do abandono isso parece se dar de forma espontânea, com o deslocamento do mundo e de suas metamorfoses. Isso parece sugerir que um grau de esquecimento do ser é inerente à condição humana, em função do próprio movimento do devir, pois novos mundos abrem-se e fecham-se conforme os processos de velamento e desvelamento da verdade. Muda-se o mundo, muda-se os entes cuidados.

Portanto, parece natural que o abandono venha a acontecer, contudo, como o próprio esquecimento do ser, ele não é necessário. Vale o exercício de retomada do ser para resgate do sentido e abertura dos entes abandonados para novas possibilidades no

mundo. O artigo sugere, a partir da obra *Ser e Tempo*², que essa possibilidade se dê pela via compreensiva, envolvendo sujeito e objeto no movimento circular característico da hermenêutica-fenomenológica, em que o sentido é desvelado mais e mais conforme se parte de uma instância à outra. Trata-se de uma disposição do sujeito para desvelar mundos que dão sentido aos entes que neles se inserem. Isso inclui a experimentação e o demorar-se junto ao ente, possibilitando que o desvelamento do seu ser aconteça em função de seu próprio tempo.

Vivemos em um mundo descartável, em que todos os processos estão acelerados e são medidos em função de sua eficiência. Isso é resultado da lógica da metafísica tradicional, que esqueceu justamente a importância do tempo para o desvelamento do ser. O nome da obra é *Ser e Tempo*, porque o ser se desdobra no tempo, e o tempo é a medida do ser. Há uma imbricação, que não pode ser ignorada, como o foi ao longo da tradição. Olhar para os entes como *simples presenças* no mundo, e os definir a partir de categorias ônticas, como quantidade, qualidade e forma, é diminuir as possibilidades de ser das coisas. Como afirma Heidegger, na referida obra, é preciso uma nova estrutura de pensamento, que seja capaz de abarcar o conjunto de relações que dão sentido aos entes. Isso passa pela compreensão de que os seres humanos (ser-ai) não podem ser medidos por essas categorias, e que são necessárias *categorias existenciais*. Isso porque somente o ser humano tem mundo, os demais entes estão no mundo. É preciso, portanto, partir dessa experiência existencial, que se apresenta numa diferença ontológica, para abordar o mundo e deixar perder-se neste, permitindo a manifestação dos entes em seu ser.

No caso do abandono, para aquele ou aquela que pretende dedicar-se a efetuar um resgate, seja sob a forma de reafirmação de antigos modos de estar no mundo, ou do desvelamento de novos modos de ser, o primeiro passo é exercitar a escuta atenta. De quem? do ser! É preciso que a pessoa seja capaz de sensibilizar-se e de colocar-se em sintonia com o ser que acontece ao seu redor, pois é ele quem fornecerá as pistas para que outras possibilidades se desvelem. Isso se inicia pelo exercício de rompimento com os modos impróprios de ser, os quais determinam nossa ação cotidiana na maioria dos casos. Agimos no *automático*, resolvendo as questões que se impõe para nós de acordo com o modo como *todos* tendem a resolver. Não é possível romper inteiramente com esse traço existencial humano, porém é possível assumir posturas mais orientadas à propriedade e afirmação de modos de ser mais conscientes. Isso é importante porque é preciso romper com a ideia de que o ente abandonado é um resto sem importância no mundo, que não precisa de nossa atenção. É preciso que haja o interesse e o destacamento desse ente entre os demais, permitindo que algo possa acontecer.

Esse processo parte da possibilidade de manifestação da verdade do abandono, o qual opera justamente o desvelamento de seu ser. Somente quando se reconhece que algo mudou e que o sentido que se manifestava no acontecimento de determinado ente fora esquecido, é que se abrem as portas para que o ente seja novamente encontrado no mundo, e novamente situado em sua utilidade e beleza. Ambos esses aspectos só podem ser encontrados em uma abordagem própria do ente abandonado, ou seja, uma abordagem que não seja influenciada pelas opiniões e pelo ritmo da vida cotidiana. Isso porque são aspectos que dependem da afirmação de um tempo próprio de encontro com o ente, que passa a revelar suas possibilidades e sentidos na linguagem. A utilidade se revela no encontro mais autêntico com o ente, em que não se pensa sobre este, no sentido de *simples presença*, mas se conecta com ele para a consecução de determinada finalidade. O rompimento da utilidade é que chama a

atenção ao ente e evidencia sua presença, seja como quebrado ou falho. Já a beleza se manifesta na abertura de mundo, quando o ente desvela possibilidades de sentido, que transformam as relações entre os entes ao seu redor. É assim que quando pensamos em uma determinada edificação abandonada e percebemos beleza nela, parece que nos transportamos para o período em que estava em funcionamento e passamos a nos situar em relação às possibilidades abertas por essa experiência da verdade do ser.

Enfim, espero ter apontado algumas pistas para uma aproximação entre a problemática da natureza em Heidegger e o tema do abandono, inspirando os pesquisadores a explorarem este conceito a partir do referido referencial filosófico. São muitos os caminhos possíveis a serem explorados nessa temática, valendo muito a pena para todo aquele interessado. A quem se interessar, vale a pena uma leitura atenta do artigo, como porta de entrada à rica e potente filosofia heideggeriana.

Referência

DE BARROS, Gabriel de Almeida. Observações sobre a natureza (physis) em Heidegger. *Cadernos PET-Filosofia*, v. 21, n. 1, 2022.

2 HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Vozes, v. 1, 2009.